

Férias Grandes — por Salema Vaz. Edição de A. Figueirinhas Porto —1938.

Já mais de uma vez se fri-sou nas colunas de *Sol Nascente* que em Portugal não existe nem nunca existiu o que se poderia chamar uma literatura infantil. Quem escreva para crianças há e em excesso. Mas quem tenha consciência do que escreve, do que a criança precisa e do que à criança é devido, não. Servem-lhe os pratos mais variados, que vão desde o fantástico e maravilhoso, onde as pessoas se movem ao compasso duma varinha mágica, até o desenrolar de cenas em que se exalta a brutalidade primitiva, às cenas onde o homem é o lobo do homem. E, perante tal número de caminhos «magníficos», os pobres miúdos nem sabem qual escolher. Diz-lhes uma voz picada de valdade que uma existência de príncipes, com muitos criados de vistosas libré servindo-os e dando o sangue por eles, é bonito e lhes ia a matar. Mas logo outra voz, combatendo a primeira, lhes afirma que assaltar cidades e esquarterar «inimigos», chefiando um bando de *valentes*, é muito mais *chic*. Há-os que, a voltas ainda com a lembrança do último conto, preferiam sair santos e irem por esse mundo fora maravilhar as multidões. O Joãozinho, todavia, espera chegar a camião de box, a Lili a fada ou *estrela*, enquanto o filho de dona fulana e doutor sicrano, ardentemente aspira, bem lá no fundo do seu seio, a forçar cofres, o rosto coberto por uma máscara de veludo negro.

As causas do fracasso não são, talvez, difíceis de explicar. Em primeiro plano deve colocar-se, cremos, a total ausência de conhecimentos pedagógicos nos cultores deste género literário. Ausência de conhecimentos ou desactualização dos mesmos, se acaso os possuem. Depois — e isto é verdadeiramente terrível — é que para estes escrevinhadores de inutilidades (e por cima ainda perniciosas) a criança nunca é tratada como um fim, mas antes e sempre como um meio. Psicologia infantil, necessidades próprias da idade, carilamento natural, queramos dizer humano, das tendências innatas, desenvolvimento moral longe do absurdo e do egoísmo — tudo esquecem ou tudo ignoram. Ao lado disto uma língua confrangedora no dosear os

assuntos de ordem educativa —recreativa—instrutiva—base em que tem de assentar toda a obra infantil séria. Quanto a estilo, as coisas não navegam em águas mais benignas. Escreve-se para meninos dos sete aos dez ou doze anos com os mesmos retorcidos, rodriguiños e pomadas rebrilhantes, com que um membro da Academia escreve o primeiro discurso que há de ler aos seus companheiros de imortalidade... avulsas. E as crianças que mastiguem a salada sem temperos como quiserem e puderem.

Vem isto a propósito do livro de poesias de Salema Vaz, *Férias Grandes*. Nas suas páginas, é certo, não se movem príncipes nem fadas —aparece o «papão», mas de fugida. Não obstante que tristeza, que profundo desconsolo provoca a leitura das suas cem páginas. Três composições, e uma ou outra coisa, se salvam, em parte: O *eco*, de carácter cultural, razoavelmente desenvolvida, mas a que duas palavras, apenas, desfeiam enormemente: «vingança» e «muro»: *Anedota diluviana*, historinha com a sua graça: «O menino e as pombas, de intuítos educativos, que um bater de asas destas aves, comparado a «esquadrilhas guerreiras» e o fim todo seráfico, tornam... como dizem... imoral? detestável? As duas coisas, talvez. No resto havia imenso a condenar. Alguns exemplos. Sobre aeroplanos tem o autor ideias bem macabras. Fins razoáveis só lhes descobre um: servir de arma de extermínio. E, após muito filosofar a respeito de aviadores, escreve estas dois versos inconcebíveis:

Porque é preciso preparar na Paz
a guerra que há-de vir... e tu verás;

Mais dois:

P'ra divertir a assistência
chama à lição o mais burro;

Um professor a chamar o mais burro à lição para divertir os outros alunos! E' único. Às vezes, porém, *Férias Grandes* parece um compêndio para qualquer sacristão de aldeia. Uma quadra:

O pai das árv'es é Deus
e de tudo o que criou:
do mar, da terra, dos Céus,
de mim, de ti, do Avô...

E porque o petiz a quem fala presume-se da avó da tia... e do canário, também, ele responde:

—«De tudo e de todos, pateta.»

Pateta!...

Arcindo ilustrou o livro com certo gosto. E' o que tem de melhor.

A. R.

Teófilo Braga, apontamentos biográficos, por Ladislau Batalha. Edição da revista «Pensamento» —1938.

E' da autoria de Ladislau Batalha (o professor e militante socialista, há dias falecido, cuja obra cultural foi valiosa no sector da sua actuação) este despretensioso trabalho sobre Teófilo Braga, relevante figura da passada geração pioneira da República.

Neste pequeno opúsculo, agora saído a público, Ladislau Batalha narra-nos resumidamente a biografia de T. B. e o que a sua vida vale como exemplo de persistência, sacrifício e honesto labor.

O autor ocupa-se, por vezes, com mais desenvolvimento, de certos episódios da época, como seja a *Questão Coimbra* e as *Conferências do Casino*, nos quais Teófilo Braga teve uma importante interferência.

Ao contar-nos a vida de Teófilo Braga desde a sua origem humilde até ao período em que ocupou o lugar de Presidente da República, a existência de infatigável estudioso, a heróica juventude, Ladislau Batalha procura mostrar a sem razão dos seus detractores prestando, assim, uma justa homenagem ao admirável trabalhador e honesto cidadão que foi Teófilo Braga.

M. A.

Indícios de Oiro, poemas de Mário Sá Carneiro. Edições «Presença» —Porto

Indícios de Oiro, o volume de versos de Mário de Sá Carneiro, até aqui inédito, no qual foram incluídas as suas últimas poesias, é o livro mais representativo da obra poética do malogrado inovador artístico.

Antes de suicidar-se, em Paris, a 26 de Abril de 1916, confiara Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa a publicação da sua obra como e quando ele achasse mais conveniente. Ora, em Novembro de 1928, saíram na *Presença* as seguintes palavras, que sabemos terem sido redigidas pelo próprio Fernando Pessoa: «Essa publicação definitiva (da obra de Sá-Carneiro) não será feita por emuanto, pois não há ainda público propriamente dito para ela». No entanto, agora, passados nove

anos, «Presença» edita *Indícios de Oiro*.

Parece, pois, haver em 1938 um público que não existia em 1928. Será assim?

Mas que há, afinal, de particular na poesia de Sá-Carneiro para que ele próprio afirmasse num dos seus poemas: «De aqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda»?

Sá-Carneiro, na maior parte das poesias de *Indícios de Oiro*, dá-nos conta de uma inquietação, de um desespero que se apercebe apenas com uma leitura atenta e um esforço fatigante. O sentido dessa poesia fica sempre ou quasi sempre mal definido, confuso, e isto porque Sá Carneiro se serve, para dar-nos conta da sua sensibilidade e do seu drama, de figuras e gramática absolutamente arbitrárias, exprimindo emoções através de uma sintaxe nova. Assim, a incompreensão do público é natural.

Em *Indícios de Oiro* há poemas, no entanto, sobretudo os últimos, inteiramente compreensíveis, sendo num deles que se contém um verso no qual o autor confessa que a sua literatura talvez só se entenda depois de passados 20 anos. Mas a maior parte só a um número muito restrito interessará, e, mesmo, as pessoas que constituem esse número-élite terão dificuldade em penetrar essa linguagem pessoal, reflexo de emoções fortes e de sensibilidade requintada, é certo; mas que, por não terem um sentido claramente expresso, afastam o público, e isto tanto em 1928 como em 1938.

O drama de Sá Carneiro ante a vida, que acabou na morte voluntária, está nos seus versos e, embora ele tome um carácter doentio e, às vezes, quasi de loucura e seja um caso pessoal, tão pessoal que afasta o público, pode por vezes atribuir-se-lhe um sentido mais universal.

Nos seus versos cheios de desânimo, de valor muito desigual há, no entanto, quasi sempre beleza, que resulta da emoção despertada por certas expressões, agrupadas com rara harmonia cantante, embora o significado se conserve por vezes inacessível.

M. A.

(Continua a página catorze)